

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

PRIMEIRA VERSÃO

ANO III, Nº173 - DEZEMBRO - PORTO VELHO, 2004
VOLUME XI

ISSN 1517-5421

EDITOR
NILSON SANTOS

CONSELHO EDITORIAL

ALBERTO LINS CALDAS - História - UFRO
CLODOMIR S. DE MORAIS - Sociologia - IATTERMUND
ARTUR MORETTI - Física - UFRO
CELSO FERRAREZI - Letras - UFRO
HEINZ DIETER HEIDEMANN - Geografia - USP
JOSÉ C. SEBE BOM MEIHY - História - USP
MARIO COZZUOL - Biologia - UFRO
MIGUEL NENEVÉ - Letras - UFRO
ROMUALDO DIAS - Educação - UNICAMP
VALDEMIR MIOTELLO - Filosofia - UFSC

Os textos no mínimo 3 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows" deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775
CEP: 78.900-970
PORTO VELHO-RO

TIRAGEM 200 EXEMPLARES

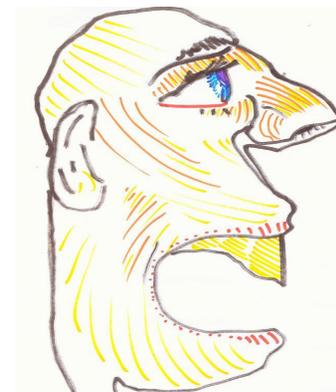
EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

lathé biosa

173



FLÁVIO DUTKA

VOZES E RUÍDOS DA GRANDE FLORESTA

Laércio Bacelar



"O livro é um pássaro com mais de cem asas para voar" {Ramón Gómez de la Serna}

A propósito de *Conversas Animais*, a ser publicado pela EDUFRO, de Celso Ferrarezzi Júnior, que dizer se o livro fala por si mesmo? De qualquer modo, arrisco-me a dizer que o livro se estrutura a partir de dois eixos que se cruzam, sejam eles o metafórico e o metonímico.

No primeiro plano, explorando exaustivamente o potencial expressivo da Metáfora, o Autor – com grande sabedoria – faz do comportamento animal e dos diálogos entre os animais um grande painel da condição humana: os Animais se humanizam e encarnam as contradições humanas - virtudes e defeitos e, com isso, desmascaram o lado animalesco das relações humanas: os homens se animalizam, se bestializam. Trocando em miúdos, o conflito entre as várias espécies, em cada uma das saborosas fábulas do autor, é metáfora do relacionamento humano. Como um conjunto de metáforas compõe uma Alegoria, o conjunto das *Conversas Animais* é uma belíssima - e dolorosa – representação alegórica das vaidades, das vicissitudes, da hipocrisia, dos valores éticos e morais que regem a convivência e o comportamento individual e social dos seres humanos. Assim, na *Hiléia Brasiliensis*, a floresta amazônica, com seus igarapés e suas seringueiras, povoada por uma fauna tropical – das Brocas e Cupins às Onças e Antas, passando pelos animais alados e seres míticos – como o Velho-da-Mata, por exemplo – as várias espécies, os predadores e os predados, presas – se debatem em diálogos profundos, que transcendem as limitações das fábulas tradicionais, condicionadas formalmente por um desfecho clássico: a moral da história.

No segundo caso, a Metonímia estabelece uma relação dialética entre a parte e o todo, entre o todo e a parte. Isso significa dizer que, o relacionamento entre determinadas espécies de Animais Humanos na Floresta tropical representa o todo, ou seja, as relações entre quaisquer seres humanos, em qualquer canto do mundo. Por ser um recorte de um todo, as conversas animais ganham em universalidade. Do mesmo modo – ao trabalhar os diálogos entre algumas espécies animais que representam as “espécies” de humanos, o Autor monta um painel da fauna humana, com suas Antas, Onças, Araras, Gaviões, Papagaios, Tatus etc. A floresta amazônica com sua flora típica é a floresta urbana, a floresta de casas arranha-céus, e a animosidade entre os animais que se debatem não é maior que a selvageria que brota entre os que se dizem animais racionais. A nossa porção animalesca, mais ou menos acentuada de indivíduo para indivíduo – é desnudada. Será mera coincidência que alguns antropônimos, originários de nomes de animais, pareçam tão condizentes com o ser que nomeiam? *Quem tem medo de Virginia Wolf?*

Metaforizar ou alegorizar o comportamento humano por meio de animais vem de longa tradição: desde os tempos remotos integra a mitologia de muitos povos, passa pelas fábulas de *La Fontaine*, e mais recentemente pela *Revolução dos Bichos*, de George Orwell, ou por Fazenda Modelo, de Chico Buarque – para citar um exemplo nacional contemporâneo. Nesse sentido, comparações, metáforas e analogias entre Homens e Animais proliferam, inclusive como expressões idiomáticas cristalizadas, abundantes em Português, tais como “ficar uma arara”, “ficar uma fera”, “é uma cobra”, “é uma anta”. Não causa surpresa que muitos seres míticos sejam metade Homem e metade Animal, como os sátiros, o centauro e o lobisomem etc. Acaso não seriam os vampiros o resultado da conjunção entre homem, lobo e morcego?

A rigor, na Floresta de símbolos, as lutas entre animais, ao longo do desenvolvimento cultural humano, vêm simbolizando, nas mais diversas séries artísticas, os mais diversos estágios da força instintiva, conforme se deduz de Cirlot (1984: 356) em seu *Dicionário de símbolos*. Em termos psicanalíticos, são conflitos no domínio do ID, embates na oposição entre Eros e Thanatos. Em termos antropológicos, o conflito entre Natureza (o primitivo) e Cultura (o civilizado). Leia-se, para ilustrar, o magistral conto “Meu tio, o iauaretê”, de Guimarães Rosa, no qual a personagem central oscila entre dois e, quanto mais mergulha no inconsciente, mais deixa vazar a onça que a habita.

No entanto, em se tratando de Arte, sobretudo a literária, mais importante que a originalidade ou não da idéia é o tratamento que se dá a ela. Esse, sim, deve ser original. De repente, uma paródia pode ser mais original que o original que a motivou. Quantos não foram os que se valeram do “mote alheio”, reflexo de outro mote, para construir o novo? Camões bem o sabia fazê-lo!

O verdadeiro artista é aquele que questiona o já interrogado, ou o desvela sob uma nova ótica, um novo ângulo de visão. É o que relê o que já foi lido e não tem sido esta a postura de tantos grandes nomes ao longo da História da Arte. E isso, esse tratamento original a partir de uma idéia arquetípica, Celso Ferrarezi o consegue indubitavelmente em *Conversas Animais*. O mito da idéia de originalidade absoluta já se define e não se sustenta a partir dos conceitos de *intertextualidade* (o texto como um reflexo de outros textos), *interdiscursividade* (o dialogismo entre vários tipos de discurso) e *intersemiose* (as relações entre dois ou vários sistemas semióticos). E aí reside o âmago da originalidade. De fato, *Conversas Animais* estabelece relações intertextuais não só com a tradição mítica e com as fábulas de *La Fontaine*, como também com os textos de mesmo gênero como as parábolas e os apólogos. Se o texto literário é, por sua natureza, um objeto especular, a narrativa ferrareziana cumpre essa função, posto que reflete a tradição das fábulas no terreno do realismo maravilhoso por meio das prosopopéias animais, com as quais dialoga; das HQ e do cinema de animação como, por exemplo, as personagens de Disney. Contudo, o tratamento é original e se evidencia no investimento artístico no trato com a linguagem. Como o próprio título sugere, mais vale o conteúdo dos discursos que a ação: são *conversas animais*. Aí a originalidade e a criatividade brotam exuberantes na densidade dos diálogos “animalescos”. O Autor verticaliza as relações dialogais, ou seja, aprofunda – e muito – o conteúdo das falas dos animais – para ganhar em qualidade, muita qualidade. E o faz com uma boa dose de humor, de tal modo que muitas passagens se tornam

deliciosas, como as variações formais de tratamento empregadas pelo Papagaio ao dirigir-se mui respeitosamente ao Gavião Real em “Ele disse que”, para citar apenas um entre outros tantos exemplos.

No que se refere às relações interdiscursivas, em *Conversas Animais*, vários discursos se cruzam, entre os quais o filosófico-existencial, o ético-moral, o político-sociológico, o antropológico e o ecológico, entre outros tantos ruídos na “floresta de símbolos” cultivada pelo Autor. Vale dizer que, nas fábulas ferrarezianas, as falas dos animais são constituídas por formações ideológico-discursivas em conflito, por isso mesmo polarizadas na luta entre o Bem e o Mal: ética *versus* antiética; altruísmo *versus* egoísmo, submissão *versus* dominação. O discurso do oprimido, da presa, se opõe ao discurso do opressor, o predador e, desse modo, a luta carnal, física, material, pela sobrevivência na grande Floresta se transfere para o nível da palavra e se torna uma peleja verbal, um batalha argumentativa, uma guerra discursiva, já que todo discurso tem o seu avesso e toda ideologia sua contra-ideologia. Sabiamente, os supostamente fracos se tornam fortes porque, munidos de princípios éticos e valores morais positivos, fazem da força da argumentação, contundente e inatacável, não só mecanismo de defesa como também de ataque contra os que se julgam fortes e, se esforçam por parecerem tais, mas não passam de uns fracos.

Não se trata, entretanto, de mera guerra argumentativa entre esta e aquela espécie, em particular: o Autor vai muito além. As *Conversas Animais* são, na verdade, um pré-texto e um pretexto para que cada um descubra o animal ou a fauna inteira que tem dentro de si, quantos animais habitam o corpo desses seres que se dizem humanos e racionais. Daí, o conjunto das narrativas de Ferrarezi nos conduz à reflexão e à análise da psicologia humana, uma releitura das relações animais que se procriam como vermes nas relações interindividuais, intersociais, interétnicas, inter-humanas e se torna um libelo contra toda sorte de valores negativos e individualistas, que, infelizmente, predominam na conduta dos bichos civilizados.

Os ruídos e rumores da Grande Floresta estão aí. Dos urros aos cantos melódiosos, dos grunhidos, ganidos e nhares gaviônicos a outros tantos sons emitidos pelos animais, seja para atrair a fêmea, seja para oprimir a presa, seja para amedrontar ou afugentar o predador, em *Conversas Animais*, muitas vezes narrativas se multiplicam na voz do narrador; muitos ruídos discursivos se entrecortam no Dia Escuro ou na Noite Clara no íntimo da Floresta. Há quem não sabe ouvi-los! Há quem não quer ouvi-los. Mas não há Floresta sem tais ruídos e sons e zumbidos, entre outros idos: eles são da Natureza dos bosques, das florestas, das selvas... Pára para escutá-los ou ouve a voz de um momentâneo silêncio!

Provavelmente – e isto é inevitável – o Leitor vai se auto-identificar com alguma ou mesmo com várias nas espécies animais que contracenam na floresta. Porém, dado o caráter contra-ideológico do livro, muita Onça que se julga muito onça, ao lê-lo, vai ficar uma arara ao descobrir que não passa de uma Anta; tanto quanto muito Gavião Real que voa orgulhoso por aí vai ficar uma fera ao descobrir que não passa de um Jacu.

Diante a taxionomia das espécies propostas por Ferrarezi, outras espécies não retratadas poderão sentir-se aliviadas por não terem sido retratadas ou citadas. Uma Toupeira, por exemplo, poderá até ficar indiferente, auto-excluindo-se da luta, por tolamente julgar que se trata de problemas específicos dos animais

da fauna tropical, aqueles terceiro-mundistas selvagens e animalescos. Ledo engano, santa Burrice! Só mesmo uma Toupeira poderá pensar assim, pois dado o caráter universal da animosidade humana, as relações metafóricas e metonímicas, não a excluem.

Se está viva, tem âni^{ma}, ou seja, tem alma, se tem alma, ânimo, é animal. Mesmo que desanime ao saber disso. Talvez, por ser Toupeira, não enxergue a imensa Anta, e/ou Abutre, e/ou Urubu, de/ou Serpente, que tem dentro de si. Muita Fuinha provavelmente não conseguirá ver o Verme a parasita, sobretudo quando esse Verme é abstrato, psicológico, comportamental.

Mesmo as espécies domesticadas e submissas, as que vivem adaptadas nas florestas urbanas ou suburbanas, estão ali metaforizadas: o Garanhão e o Veado, a Perua, a Gato e a Gata, o Cachorro e a Cachorra; passando pelas Aranhas e Tarântulas, mesmo as espécies aquáticas, da fauna fluvial ou marítima, sejam as Piranhas ou os Tubarões, os Polvos com seus imensos tentáculos, os Baiacus ou as Águas-Vivas traiçoeiras e peçonhentas, as Anêmonas complacentes, toda a bichara do imenso zoológico, dos mais violentos aos mais dóceis, dos mais venenosos aos inofensivos, quer queiram ou não, não passam de animais e estão representados nas *Conversas Animais*. Se não se enxergam e nem têm a capacidade de se enxergarem, pois há espécies animais eternamente cegas; se não têm a astúcia ou a perspicácia de se perceberem metonimicamente representados nos conflitos da Grande Floresta existencial, é porque não sabem que há uma enorme diferença entre o que se tenta projetar, o que acaba sendo projetado e o que em essência se é. Muita Toupeira pensa que é Onça e quer ser vista como Onça e usa todas as suas armas, sobretudo o Poder, para projetar essa imagem. Mas, por sua animalesca toupeirice, acaba projetando uma Anta. Pensa que é vista como Onça, mas é vista como Anta e, em sua essência, é Toupeira. Ou gera uma terceira espécie híbrida ou transgênica: a *Toupeiranta brasiliensis sp.*, aquela que tem espírito de porco, que matraca mais que mil Maritacas, têm discurso de Asno e, por isso só rosna ou gane asneira, e saem macaqueando por aí, serelepe como ela só, já que bom Cabrito não berra. Quando acuada, no sentido literal e etimológico o termo, fica uma Jararaca da Silva, isto é, da Selva (*Silvarum bestia feroce sunt!*) e cospe marimbondos. Seu passatempo preferido é futucar a intimidade do casulo de Borboleta Azul, uma crisálida, para destruir a borboleta que vai voar livre e por si mesma e viver de néctar do néctar das flores! Discurso de *Toupeiranta brasiliensis sp.* sempre é conversa para boi dormir, ainda que muitas se ostentem como Doutora Pavão, exibindo seus anéis de grau, ou aspirem cargos para serem tratadas como Vossa Megatoupeirantência, Vossa Asneirência, por excelência.

Desnudando os Lobos que existem sob as peles de Cordeiros ou tosquiando as Ovelhas para revelar as os Lobos, as *Conversas Animais* de Ferrarezi, muito além das fábulas moralizantes, são espelhos para que miremos nosso próprio focinho e tenhamos, no mínimo, coragem de fazer uma auto-análise ou reavaliação de nossa conduta na relação com o Outro, tão bicho quanto nós. Feliz e evidentemente, nem todos os animais se devoram, pois há muitos que, fitófagos ou não-carnívoros, não precisam beber do sangue alheio, nem mascar a carne alheia para sua sobrevivência e de sua espécie. Não são poucos os que, sempre ameaçados por carnívoros e sanguinários de toda Ordem, voam ou caminham pelas Florestas entoando seu canto ou deixando seu ruído, ou seu grito de vida a favor da Vida.

Infelizmente, quanto mais o Homem avança no progresso material e tecnológico, mais algumas espécies de animais entram em extinção... mas precisam ser urgentemente preservadas!

O Autor, um astuto Lince que se faz de Mocho Orelhudo para ver e ouvir os ruídos e rumores da Floresta, como um Bacurau que se disfarça de tronco, e engana sabiamente seus possíveis predadores, pois vê, mas não é plenamente visto, é, a rigor, uma espécie em extinção, na Floresta dos *best-sellers*. Milhões e milhões de livros editados não resolveram um dos mais elementares problemas humanos: *o Homem continua sendo Lobo para o próprio Homem*. Mas há livros que deveriam ser vendidos em joalherias. Esse, para mim, é um desses casos, ainda que alguma Coruja ranzinza e ranheta, sobretudo as especialistas em pôr e achar defeitos na obra alheia, porque não escrevem (Elas nunca escrevem!) de alguma acadêmica Oca-de-Mico não concorde com meu latido. Olhar aguçado de um lince, aquele felino meio mítico capaz de enxergar através das paredes, Ferrarezi não é niilista: no desfecho do livro, que se transmuta em seringueira, lança uma semente de esperança. Tomara que nós, animais metidos a Bestas, o ouçamos! É isso aí, Bicho!

VITRINE

DIVULGUE:

PRIMEIRA VERSÃO
NA INTERNET

<http://www.unir.br/~primeira/index.html>

Consulte o site e leia os artigos publicados

*Que tenho para vestir
e para comer
antes de profanar
a ceia?*

CARLOS MOREIRA